

Augusto de Campos, um dos criadores do Concretismo, lança "Poesia 1949-1979 Viva Vaia"

Objeto cultural não identificado

Lourenço Diaféria

O otário continua

Sinopse — Quem estiver interessado em saber o que se passou nos dois capítulos anteriores, queira por favor procurar os jornais atrasados na seção competente. Sinopse, essa é boa. Só o que faltava.

E agora, aos fatos: Como vocês viram, tremeluziam as luzes do autópodo Suarão. Trôpego e ansioso, todavia feliz por encontrar um estabelecimento disposto a atender o pobre naufrago do asfalto, o motorista em palpos de aranha encosta o veículo e pede, por favor, se alguém lhe pode conferir o que acontece com os faróis baixos. Um senhor, ar respeitável e cansado, acede. Segundo informa de livre e espontânea vontade, está trabalhando desde as seis da manhã. E dose, pois já são nove da noite.

- Trava-se o seguinte diálogo:
- Já lá fechar.
 - Sorte que não fechou.
 - Sorte mesmo. Qual o problema?
 - A luz baixa não acende.
 - Hummm.
 - Será o fusível?
 - Vamos ver...

O senhor apanha a chave de fenda, instala-se no banco dianteiro, e debruça-se para a frente e para baixo, na posição de quem vai sanar o vazamento de água sob o painel. (Trata-se de uma cascata do carro do deserto, da qual já falamos, conforme sabem os leitores assíduos.) Munido da chave de fenda, e com jeito de quem sabe o que faz, o eletricitista passa a executar uma série de movimentos e toques. Apesar da destreza, os faróis continuam cegos. Entretanto põem-se a funcionar indiscriminadamente o limpador de pára-brisa dianteiro, a seta, o pisca-pisca e as lanternas, por sinal perfeitos. O motorista permanece em posição de sentido, ar assombrado, levemente cabreiro. Sem dúvida a eletricitidade é uma das sete maravilhas do mundo, ao lado do farol de Alexandria e dos doze trabalhos de Hércules. Sim, maravilha e mistério profundos e inacessíveis. Pessoas há que passam a vida inteira tentando colocar bem um pronome, uma vírgula, um hífen, e todavia são de todo inábeis para descobrir um fusível queimado.

- Por fim, o senhor proclama:
- O fusível não é.
 - O motorista perturba-se:
 - Será que...
 - Vamos ver.

Dizem que Edison, o inventor do fonógrafo, não era um cientista na exata acepção da palavra. Era um curioso. Com curiosidade e paciência, fez a humanidade progredir aos saltos. Inventou mais de mil coisas. Uma delas: a lâmpada elétrica. O motorista lembra-se de Edison. Thomas Alva Edison, nascido num mês de fevereiro. Ah, tivesse Thomas Edison uma chave de fenda, quanta coisa mais não teria inventado. Pois se sem chave de fenda inventou tanto! Que homem. Que homem!

O senhor enfia sua chave de fenda no bolso, ergue-se, olha o motorista com olhar definitivo:

- As lâmpadas estão queimadas.
- Ora sim, senhor. De lâmpadas queimadas, e em Suarão. Caramba, por que não ler o horóscopo antes de sair de casa? Bem, mas lâmpadas queimadas não são nenhuma tragédia.

O senhor da chave de fenda, só encarando:

- Então?
 - Então quê?
 - Como faz?
- O motorista tem de subir a via Anchieta. Nem João Ramalho, nem o padre Manuel da Nóbrega, nem mesmo o cacique Tibirica toparia subir a via Anchieta de lâmpada queimada.

- O senhor tem lâmpadas na oficina?
- Tinha lâmpadas. Graças, meu bom Thomas Edison! Em cinco minutos, as lâmpadas são colocadas naquele lugar próprio das lâmpadas. As últimas galvoitas se recolhem. Passa um besouro zunindo.
- Que coisa, hem! Queimar bem as duas lâmpadas — comenta o motorista.
- Deve ser defeito na instalação...
- Como?
- Melhor testar com o amperímetro — sentença o eletricitista.

Um pequeno fio de suor escorre pelo olho direito do motorista. Chega o amperímetro. Aparelho simpático. Pequeno, mas simpático. Tem um ponteiro. O ponteiro se movimentou.

- Algum problema mais sério? — susurra o forasteiro do volante.
- Tá com jeito de ser o condensador.
- Ao lado, no Restaurante Minas Gerais, as pessoas bebem sua honrada cerveja de veraneio. O fato de poder-se beber cerveja sem ter um condensador no copo, ou mesmo lâmpadas queimadas, é um fato auspicioso. Aos poucos, não mais me sinto um motorista em trânsito. Sou um ser lido, cercado de pequenos jacarés de botina e orelhas de abano. Sinto vontade de ser uma daquelas figuras másculas que atravessavam a serra a pé ou em lombo de burro.

Resolvo tomar uma decisão drástica. Pergunto:

- Quanto fica um condensador?
- Pois é. Otário é isso.
- Mas, epa! Não é que acabou o espaço outra vez! Amanhã a gente continua.

Há trinta anos a cultura oficial brasileira, com seus ares de dama democrática, vê na poesia concreta um monstro hediondo, à semelhança daquele outro, já lendário, de Loch Ness, na Escócia. O trio elétrico/paulista/concreto — Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos — vive sendo exorcizado pelas beatas defensoras da moral literária e artística brasileira, mas resiste heroicamente graças unicamente à grande e sempre inovadora criatividade que possui.

Trinta anos de poesia viva. Valada, expurgada, maldita, mas viva! Traduzindo "Intraduções", discutindo, revelando, recuperando e infernalizando a vida acadêmica das cátedras reacionárias. Como diz sabiamente Augusto de Campos, eles até aguentam ver editada comercialmente, a teoria da poesia concreta, mas a poesia em si, aí já é demais...

Mas tiveram que engolir (e adiantaram engolir, engoliram e engolirão) as antologias de Augusto, Décio e Haroldo, pela primeira vez em edições comerciais, já que todas as anteriores, até então, foram sempre edições dos próprios autores.

O primeiro volume a sair foi o de Haroldo de Campos, "Xadrez de Estrelas", depois foi Décio Pignatari com "Poesia, Pois é, Poesia" e agora Augusto com "Poesia 1949-1979 Viva Vaia". Lançado há cerca de três meses o livro de Augusto, como os anteriores — e como já era previsto — vem sendo praticamente ignorado pelos resenhadores apressadinhos ou pelos ensaístas de orelha de livro. Mas tudo bem, o monstro já está acoturnado e não seria por um boicote a mais ou um mínimo que deixará de ser combativo e instigante. Continuará fabricando, artesanal e amorosamente, seus "finos biscoitos", como disse Oswald de Andrade.

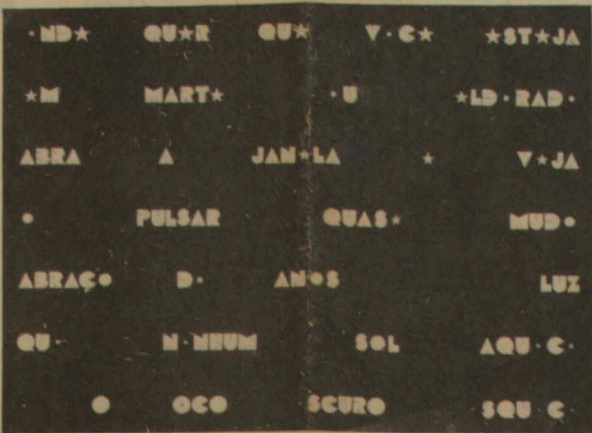
Esta entrevista, uma das poucas concedidas nos últimos anos por Augusto de Campos, foi dada ao repórter Sérgio Pinto de Almeida.

"Fôlha" — Você acaba de publicar uma antologia, "Poesia 1949-1979 Viva Vaia". Que dificuldades enfrentou para isso, você que é um poeta de vanguarda, admirado por alguns, combatido por muitos?

Augusto de Campos — Este é o meu primeiro livro de poemas não-clandestino, isto é, publicado por uma editora, em 30 anos de atividade poética. De "O Rei menos o Reino" (1951) a "Caixa Preta" (1975), tudo o mais foi publicado particularmente. Falo dos poemas. Porque os ensaios têm tido edições regulares, de uns anos para cá. O problema é da poesia, artigo que não vende, quando o poeta não se vende. Mas mais especificamente do tipo de poesia que pratico, a poesia experimental, de vanguarda ou de invenção, que encontra maiores objeções precisamente porque põe em questão os valores da linguagem a que a sociedade está condicionada, por convenção, por hábito, por medo. Se eu me transformasse em poeta "humano" ou "social", tais dificuldades não existiriam. Poderia ter sido publicado por alguma editora Jdanov-Brasileira. E passar a ser considerado bom cidadão, "grande poeta" e "grande brasileiro". Preferi, porém, esperar 30 anos, mas não renunciar aquilo em que acredito. Foi preciso, então, publicar estudos, traduções, trabalhar anos criando condições de credibilidade para que um editor se sentisse encorajado a publicar um livro de poemas como esse e enfrentar a barra da desmoralização, pelo ataque ou pelo silêncio, que Decio, Haroldo e eu enfrentamos, durante todos esses anos. Mas acho que está certo. Quem faz um trabalho como o meu não deve esperar complacência. O "desobediente civil", Thoreau, já dizia: "Poeta é aquele que, como o urso, tem gordura bastante para chupar suas patas durante todo o inverno. Hiberna neste mundo e se alimenta do seu próprio tutano."

"Fôlha" — A incompreensão (editorial e crítica) não teria levado à marginalização de sua produção? Fala-se de poesia concreta, mas ela não é discutida nem analisada. Por que?

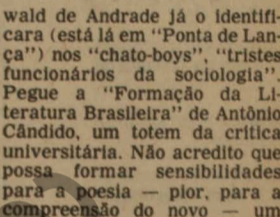
A.C. — A situação é muito parecida com a do Modernismo no final da década de 40. A Poesia Concreta é um dos eventos literários mais ricos em referências críticas (na maior parte negativas, é óbvio) entre nós. Nunca, depois do Modernismo, se falou tanto num movimento, algumas vezes com amor, o mais das vezes com ódio (até hereditário, como observou Pignatari). Mas a discussão seria dessa poesia, suas propostas e sua problemática, é paupérrima. Isso se deve não só à sua natureza contestatária em relação aos códigos convencionais, mas a um defeito de formação da nossa crítica. O sociologismo dominante em nosso ensino de literatura criou incapazes para o diálogo com a poesia. O mal vem de longe. Os



No poema "O Pulsar", a letra O é substituída por uma lua, e a letra E por uma estrela.



30 anos de trabalho

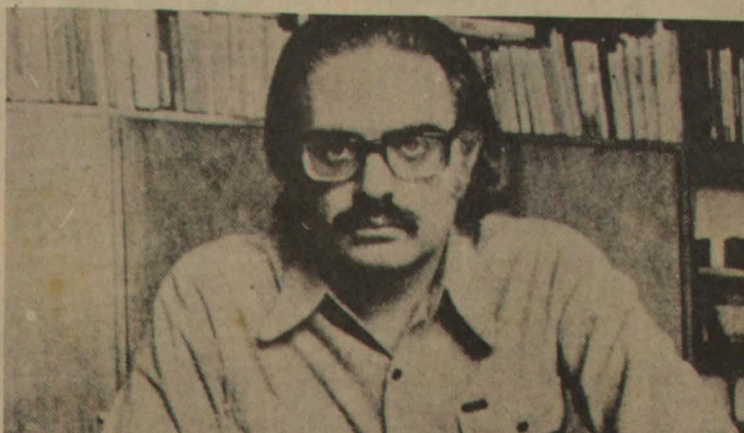


wald de Andrade já o identificara (está lá em "Ponta de Lança") nos "chato-boys", "tristes funcionários da sociologia".

Pegue a "Formação da Literatura Brasileira" de Antônio Cândido, um totem da crítica universitária. Não acredito que possa formar sensibilidades para a poesia — pior, para a compreensão do novo — um apañado crítico-histórico de nossa literatura em que Gregório de Matos não entra e Casimira de Abreu é tratado como "grande talento poético" e sua poesia classificada de "admirável". São razões extraliterárias as que guiam tais exclusões e julgamentos. E sem a muleta do anedótico os "sociogramas" (vide Oswald) ficam perdidos. Não é de estranhar, assim, que Cândido tenha deplorado, há algum tempo atrás, estarmos "condenados às vanguardas" (dando sinal verde para mais uma Campanha de Caça aos Concretistas). Mas não é só um problema da Poesia Concreta. Foi preciso um Haroldo de Campos para que redescobrissem Oswald. E os discípulos — os chatos-netos — não passam de discípulos Sem herdeiros as finuras do mestre, herdaram dele preconceitos e limitações. E ainda os agravaram. Não entenderam o Tropicalismo. Foram contra. Quem o defendeu, sozinho, então, fui eu, nos artigos que estão no Balanço da Bossa. Hoje tentam recriar-se, retardatariamente, colocando sempre entre parênteses a Poesia Concreta. E tarde. E é covarde. Mas não faz mal. Virão outros. E eles é que vão ser cobrados.

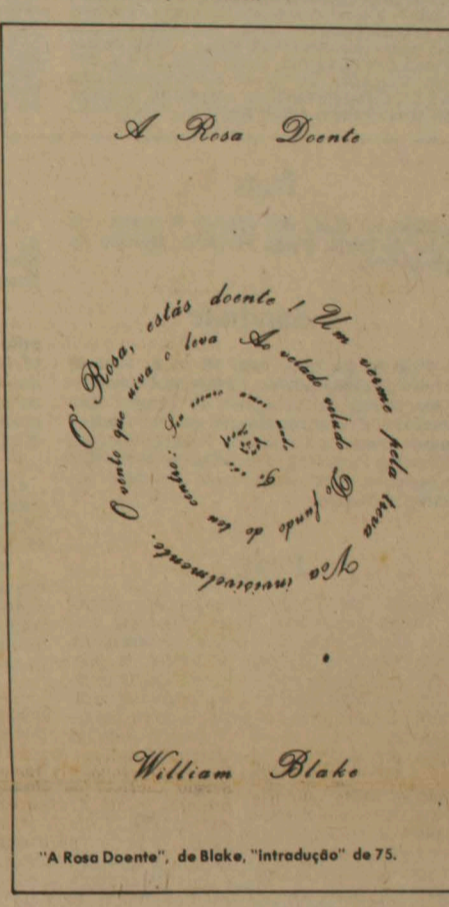
"Fôlha" — Caetano, de certa forma, sempre se identificou com seu trabalho e vice-versa, desde os artigos que você escreveu no início da Tropicália. A dedicatória em "Aracá Azul", a inclusão de "Elegia" no último disco e a referência a "Pulsar" ("O Pulsar" de Augusto de Campos é o melhor poema impresso da era do rock") são alguns testemunhos disso. Agora ele participa de seu livro num disco anexo, com dois poemas seus. Fale dessa experiência.

A.C. — O compacto com Caetano dizendo "Dias Dias Dias" e "O Pulsar" é já uma segunda edição. A primeira figurou na "Caixa Preta" (1975). As gravações que Caetano fez me deixaram maravilhado pela incrível intuição com que ele conseguiu captar a "alma" dos poemas, se assim posso dizer. "Dias Dias Dias" foi gravado em 1973, vinte anos depois de feito o poema, num estúdio improvisado por Caetano em sua casa em Amaralina. Ele diz, canta e se acompanha ao piano elétrico. O que é espantoso é que eu nunca conversara com Caetano sobre como se deveria ler o poema, que é impresso em várias cores, cada uma correspondendo a uma voz diferente. Apenas lhe dissera que ali estavam (na minha cabeça) Lupicínio e Webern (de quem ele só ouviu o "Quarteto para Saxofone" em minha casa). E ele me fez essa surpresa: ler o poema que muitos julgavam ilegível, vinte anos depois. Uma leitura impecável, a várias vozes, embutida em "Volta" de Lupicínio, webernizada, transformada em melodia-de-limbres com o uso dos pedais do piano, e espacializada com muitos silêncios de tal sorte que você só reconhece a melodia no final. Em "Pulsar", ele achou outra solução simples e linda. No poema, a letra O é substituída por uma "lua" e a letra "E" por uma estrela. Os dois ícones per-



"Poesia não é sabonete que a gente troca. É para durar, não para vender."

correm em movimento contrário às linhas do poema, até se encontrarem e se desencontrarem na palavra Oco e/ou Eco. Caetano diz-canta o poema em três alturas, num intervalo de nona, a nota mais grave reservada para o O, a mais alta para o E, a intermediária para as sílabas com outras vogais. O resultado é uma música-código (um pré-contato de terceiro grau, pois o disco de 1975) que capta toda a estranheza da mensagem: o "Stelegrama" latejante de um pulsar-poeta. Uma curiosidade: numa primeira versão, o poema homenageava Caetano com a linha "como um objeto não-identificado", inserida entre "Abra a Janela e Veja" e "O Pulsar Quase Mudo". Conteí isso a Caetano, numa rápida viagem de carro. Na extraordinária "tradução" musical que ele fez, a linha reaparece, tocada no piano, num diálogo que, é para mim, comovente.



"A Rosa Doente", de Blake, "Introdução" de 75.

LLOYD: 90 ANOS.

Um capítulo à parte na estória da Marinha Mercante no Brasil.

Desde a sua fundação, em 1890, o Lloyd Brasileiro foi, pelo menos, o responsável pela formação de sucessivas gerações de marítimos, que, a despeito de toda adversidade, levaram a bandeira brasileira por todos os mares. Hoje, o Lloyd é a maior empresa para carga geral da América Latina e sua voz é acatada nas Conferências e Acordos de Fretes, com benefícios para toda a Marinha Mercante Brasileira. E, se a Marinha Mercante constitui a principal ferramenta da nossa política de captação de divisas, na sua vanguarda está o Lloyd, proporcionando aos exportadores opções de transportes que atingem não só áreas tradicionais, mas também novos mercados. Agora, faltam apenas 10 anos para comemorar o seu centenário. E, temos certeza, quando lá chegarmos, essa estória será ainda mais rica do que é hoje. É o que desejamos, sinceramente.



Agentes no Estado de São Paulo